



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **MÚSICA E EDUCAÇÃO ENTRE A GRÉCIA ANTIGA E A CONTEMPORANEIDADE: POR UMA FORMAÇÃO PARA A CIVILIDADE**

Luiza Velozo Silva, Emmanoel de Almeida Rufino.

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. Email: velozo.luiza98@gmail.com;  
emmanoel.rufino@ifpb.edu.br*

**Resumo:** Este artigo visa investigar e analisar as reflexões expostas pelas principais fontes emergidas na Grécia Antiga, especificadamente entre a era arcaica e a era clássica, para compreendermos a importância que a educação musical manifestava formativamente em um cidadão e como ela influenciava a civilidade como um todo e como essa educação era compreendida e interpretada pelos gregos. Para trabalharmos esse conteúdo, foram utilizadas as reflexões míticas apresentadas por Homero e Hesíodo, influenciado pelas Musas, e as reflexões filosóficas expressas pelos filósofos Pitágoras e Platão. O artigo baseou-se em várias obras bibliográficas que exteriorizava sobre os saberes relacionados à música e suas vertentes, pegando como objeto principal, os três principais pontos de investigação escolhidos, para expor e questionar se esses mesmos saberes tão antigos podem ser considerados distantes dos dias de hoje ou se eles podem ser reconsiderados nos hábitos e na construção formativa do dia-a-dia.

**Palavras-chave:** Educação musical, Formação humana, Grécia Antiga.

### **INTRODUÇÃO**

A arte é um tema que seduz o interesse humano desde os tempos mais primitivos. Muitos achados arqueológicos (como as pinturas rupestres) sugerem que é típico do comportamento do ser humano a manifestação de suas visões de mundo, especialmente no que impele sua sensibilidade existencial. A música – objeto deste estudo – é uma nuance artística universal às culturas, como uma variante dessa vocação humana pela expressão da vida através de um saber-fazer (ou como diziam os gregos, de uma *tékhne*). Fato é que para além desse importante aspecto de expressão cultural, a música assume em muitas culturas o papel de comunicar a cultura aos que nela debutam. Esse pendor educativo é ainda mais perceptível nas civilizações da Antiguidade que não dispunham da escrita como instrumento de registro da cultura (Cf. LÉVY, 1999, p. 59).

Atualmente, a importância da música como instância de formação humana se revela no seu acolhimento enquanto componente curricular obrigatório ou optativo de muitas instituições escolares pelo mundo, quando não falamos de sua presença na educação informal, hábito que no Ocidente tem, por sua vez, grande ressonância, especialmente nas esferas mais abastadas da sociedade europeia. No horizonte dessa recepção da música nos espaços formais de educação, um exemplo de destaque atual nos é próximo: em 18 de agosto de 2008, o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

governo brasileiro promulgou a lei número 11.769, que fala de obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

É, pois, no âmbito do papel formador da música e do espaço que ela vem ganhando nos debates contemporâneos sobre educação que justificamos o desenvolvimento do presente estudo, pensando especialmente seu papel civilizador (como sugere o próprio texto da lei que citamos e a própria Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira). Nesse aspecto, eis a problemática que dá vida ao nosso estudo: como pensar a relação entre música e educação como fonte de sentido para uma educação contemporânea fomentadora de sujeitos civilizados? A hipótese que rege nossa investigação é de que as reflexões sobre as músicas que foram produzidas no berço de nossa cultura – a saber, a Grécia Antiga – podem ser muito úteis para pensarmos a formação da civilidade humana na contemporaneidade, tema de primeira ordem nos espaços formais de educação então menos importante nos espaços informais. Isso se justifica por ser comum ao “espírito” filosófico e literário greco-antigo a concepção de que para ser civilizado um sujeito precisa de uma formação integral, ou seja, de uma educação que, dialogando com várias áreas do saber, possa integrar mente/alma (*psyché*) e corpo (*soma*), de modo que o sujeito possa compreender sua excelência (*areté*) na relação consigo, com os outros e com o mundo.

Na esteira do problema e da hipótese investigativa que apresentamos, nosso objetivo central assim se dispõe: buscaremos compreender como a articulação promovida na Grécia Antiga entre música e educação pode nos servir de fonte de sentido para os processos formativos de sujeitos civilizados, na contemporaneidade. Para alcançar essa compreensão, nosso estudo será dividido em três partes específicas: primeiramente, analisaremos o potencial formativo da música na experiência mítico-poética em Homero e Hesíodo; na sequência, investigaremos a compreensão pitagórica sobre a música e sua relação com a educação; por fim, sintetizaremos as reflexões platônicas referentes à influência da música na formação do *éthos* e da educação humana.

## **METODOLOGIA**

A construção deste artigo segue a tipologia de uma pesquisa bibliográfica. Guiados pelos objetivos específicos, nossos autores de referência são Homero, Hesíodo, Pitágoras e Platão. No tocante aos momentos em que em nosso estudo não estivermos abordando diretamente as referências desses autores sobre a música (como instrumento educativo), mas buscando suporte indireto de comentadores, a fim de esclarecermos a compreensão sobre suas

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

abordagens, partiremos dos estudos de Carlinda Fragale Patê Nuñez em sua obra “A Era das Musas” (2011), das análises de Evilásio F. Borges Teixeira (2006) sobre a educação do homem segundo Platão, dos comentários de Diogo Norberto Mesti da Silva (2012) a respeito do *éthos* da música e da sociedade grega e os tecidos por Lia Vera Tomás nos seu estudo sobre estética musical intitulado “Música e filosofia” (2005).

Outra importante observação metodológica diz respeito à abordagem de nossa investigação sobre o papel formativo da música na Grécia Antiga. A música sempre esteve presente nas várias expressões artísticas e filosóficas gregas, da literatura homérico-hesíodica, às peças trágicas atenienses e à filosofia platônica, seja abordada na prática ou a teoria. Deste modo, pelas peculiaridades inerentes às nuances dessa cultura, decidimos fazer o seguinte recorte para delimitarmos nossa investigação sobre a música: quando falarmos da música na Grécia Antiga estaremos abordando a experiência cultural florescida entre os séculos VIII e IV a.C., a saber, da era arcaica marcada pelas epopeias homérico-hesíodicas, à era clássica, marcada pela filosofia de Pitágoras e Platão, dois admiradores da música.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 1. Musas e música: a influência do canto mítico-poético das Musas na literatura homérico-hesíodica e seu papel civilizador

A *Teogonia* (1981) – como os demais poemas hesíodicos – é uma obra posterior aos cantos atribuídos a Homero, a saber, a *Iliada* (2003) e a *Odisseia* (2007). Apesar de apresentar um aspecto didático implícito, se considerarmos sua intenção formativa em relação ao imaginário cultural grego, esse é um poema épico de tema eminentemente religioso, no qual – em meio a uma sociedade arcaica, marcadamente influenciada pela experiência mítica – Hesíodo canta o processo de instituição da ordem no mundo dos deuses, reverenciando a Zeus e demais deuses olímpicos como os modelos ideais da civilização humana.

Como o poema épico é uma narrativa cantada, ligada à oralidade, ele era bastante eficaz no referido contexto ruralizado (e de certo modo, primitivo) do século VIII a. C.. Tanto os *aedos* quanto os *rapsodos*<sup>1</sup> cantavam os versos das epopeias<sup>2</sup> para educar o povo nos

<sup>1</sup> Os *rapsodos* eram poetas populares que além de *compositores*, também eram *cantores*, que em apresentações públicas traziam à memória dos gregos os aspectos fundadores da tradição (a palavra *rapsodo* vem do verbo grego *rápto*, que significa *tecer*). Já os *aedos* se dedicavam apenas ao canto, o que justifica o nome proveniente do verbo grego *ádo*, que significa *cantar*.

<sup>2</sup> A palavra *epopeia* é a composição de dois termos gregos: *épos*, que quer dizer *falar*, mais a palavra *poiéô*, que significa *criação*. Epopeia é, portanto, aquilo que se cria para a fala.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

modos como deviam agir perante os seus (família) e os outros (a sociedade e demais domínios hierárquicas). Os costumes – e suas devidas leis – estavam imbricados à tradição oral, não sendo, portanto, aprendidas por meio de escolas, como acontecerá no século de Péricles e da clássica democracia ateniense (séc. V a. C.). Vale destacar que se as crianças da Grécia clássica ainda eram aculturadas e alfabetizadas lendo Homero e Hesíodo no interior de instituições escolares, tais narrativas poéticas eram ainda mais decisivas na formação do imaginário sócio-cultural do mundo arcaico; afinal, esse é um período da história grega em que a maioria das pessoas eram analfabetas e a escrita era privilégio restrito a poucos especialistas, como, por exemplo, os escribas dos palácios reais. Por essa razão, o canto público das epopeias homéricas era tão significativo para a coesão do espírito coletivo dos vários *demos* (família), distribuídas por *demói* (tribos/reunião de famílias). Com seu potencial rítmico<sup>3</sup> extremamente didático, os versos cantados eram facilmente decorados, podendo ser comunicados naturalmente por entre as gerações.

Na *Teogonia*, especialmente dos versos 22 a 32, Hesíodo mostra que da mesma forma com que os poetas são investidos pelas Musas na arte da poesia os reis também são por elas divinamente investidos na sua realeza, que, não obstante, extrapola os limites do mero simbolismo, fazendo deles *reis-juízes*<sup>4</sup>, para que – em vista do bem-estar coletivo – possam administrar bem o andamento das relações sociais, objetivando a ordem ideal:

Elas um dia a Hesíodo ensinaram um belo canto  
quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino.  
Esta palavra primeiro disseram-me as deusas  
Musas Olímpíades, virgens de Zeus porta-égide:  
“Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só,  
sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos  
e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”.  
Assim falaram as virgens do grande Zeus verídicas,  
por cetro deram-me um ramo, a um loureiro viçoso  
colhendo-o admirável, e inspiraram-me<sup>5</sup> um canto  
divino para que eu glorie o futuro e o passado.

Para iniciar a narração da *Teogonia*, o poeta Hesíodo pede auxílio às musas, como faz Homero na *Iliáda* (HOMERO, 2003), a fim de que elas lhe inspirem o canto. Elas são

<sup>3</sup> Uma curiosidade que confirma esse potencial didático do ritmo da epopéia (principalmente a homérica) para a aprendizagem dos versos é que quando esses versos deixaram a oralidade, passando a serem escritos, reduziu-se quase totalmente o número daqueles que ainda sabiam cantá-los.

<sup>4</sup> Por meio das Musas, Zeus passa aos reis o sentido da *Justiça*<sup>4</sup>, cuja administração, por sua vez, era “baseada no uso correto e eficaz da Palavra” pela qual eles “colaboram com a manutenção dessa ordem cósmica, com o que asseguram à sua comunidade o equilíbrio, a opulência e o futuro próspero” (TORRANO, 1981, pp. 41-42)

<sup>5</sup> É importante destacar que este trecho demonstra que o próprio Hesíodo busca deixar claro que tudo o que descreve na *Teogonia* é inspirado pelas Musas, e não inventado por sua criativa mente poética.  
(83) 3322.3222



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

divindades olímpicas, filhas de Zeus e Mnemosyne (deusa da memória), guardiães da arte e do conhecimento. As musas transformam o pastor Hesíodo em poeta, para que ele possa ir além dos limites fisiológicos da matéria para cantar os feitos heroicos de Zeus, nos princípios do universo. Do mesmo modo que as Musas sopram na boca dos pastores para que eles se transformem em poetas, aprendendo a arte da representação por verossimilhança, elas fazem o mesmo com os reis para que eles se tornem juízes, que, por sua vez, não são aqueles que portam a *Justiça*, mas que a transmitem em sua verdade. Assim, o poeta é, portanto, o executante do canto e das sentenças divinas (*thêmistas*), o intermediário entre as Musas e os demais humanos que lhe dão audiência, apenas de não ser o autor do que é cantado (Cf. MESTI, 2012, p. 251).

Diante do que dissemos até aqui, a figura das Musas é preeminente na cultura educativa da Grécia Antiga e o papel que elas assumem nas epopeias arcaicas dão o tom de uma tradição muito ligada ao potencial formador da música. A principal relação aparente que há entre as Musas e a música vêm de sua etimologia: ambos os termos derivam de *mousiké*. Com seu canto, as Musas também tinham como função principal alegrar os deuses, principalmente a Zeus, que é o seu pai. Entretanto, as Musas não poderiam cantar tudo. Seu papel era lembrar as batalhas vitoriosas e esquecer as histórias desonrosas. A partir disso, elas possuíam um papel didático e instrutivo, e tudo era questão de saber qual determinada música cantar em seu momento adequado<sup>6</sup>.

O fato de que as Musas utilizavam seu canto para agradar os deuses cantando boas histórias também inspirava o exercício da retórica política. A retórica praticada na política é utilizada como instrumento de persuasão direcionado ao povo, com o intuito de agradar e acalmar os cidadãos. Esse fato não é muito diferente da intenção que as Musas possuíam quando faziam uso do seu canto divino.

Em suma, na Grécia Antiga, a poesia foi a forma primaz de estatuir/preservar o conjunto de valores culturais no sentido da civilidade.

## **2. A música à luz da filosofia pitagórica**

Pitágoras – famoso filósofo e matemático grego – defendeu a teoria que se resume a uma pergunta: o que há de comum entre a matemática e a *mousiké*? Para ele, elas não estavam

---

<sup>6</sup> Ora, como lembra Nuñez (Cf. 2011, p. 237), as Musas não ensinam a técnica, mas insuflam a criatividade. (83) 3322.3222



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

apenas relacionadas, mas tinham papel importante uma para a outra. Esse filósofo foi o primeiro a criar o que se tornaria a teoria musical hoje em dia.

Antes de correlacionar a música e a matemática, iremos definir o que é o princípio fundamental da matemática: os números. Considerando que nada escrito por Pitágoras nos chegou diretamente, mas apenas pelos que o seguiam – os pitagóricos – ou por citações indiretas de comentadores (como Aristóteles), as escritas “pitagóricas” levavam a crer que esse influente matemático acreditava em dois tipos de número: o abstrato e o concreto (no qual a música está relacionada). Esses tipos de números são os que formam as coisas ao nosso redor, a base de tudo (compreensão diferente da que temos hoje). Esses números pensados pela filosofia pitagórica representavam a harmonia e mais tarde se tornariam o próprio sinônimo de música. Os números não eram vistos apenas como um composto matemático, mas também como elementos a partir dos quais seria possível enumerar e agrupar qualquer coisa. Essa capacidade de representação, feita de forma visual, era uma alternativa de mostrar como a harmonia está em todas as coisas (Cf. BURKERT, 1991). Com isso, Pitágoras associou a música e sua capacidade de exercer uma grande influência em cada *éthos* (caráter do ser), dependendo da harmonia expressa pela música, seja ela heroica, festiva ou trágica.

Na harmonia, como escalas musicais, as práticas teóricas indicavam apenas uma demonstração do equilíbrio e da ordem, de modo que o som era tido como irrelevante. Já na música, o som tem importante papel, pois ela também está associada a outros tipos de arte, como a dança, a ginástica e a poesia. A música na Grécia Antiga era predominantemente cantada, e não instrumental. As palavras eram ajustadas no canto pela sucessão de sílabas fortes e fracas, e assim, levando a tempos fortes e fracos, constituindo o aspecto rítmico da música. O ritmo era associado à matemática, já que para os gregos, esse aspecto da música de trabalhar com o seu canto, era uma maneira diferente, porém coerente, de contar.

Há uma passagem bastante famosa nas lendas musicais da antiguidade grega em que jovens embriagados, ao som de uma flauta, queriam entrar na casa de uma moça respeitada, com más intenções. Conta-se que, imediatamente, Pitágoras apareceu e pediu ao flautista para que ele tocasse uma melodia que, na época, era utilizada em cerimônias religiosas, com a finalidade de acalmar os rapazes. Feito isso, eles pararam com sua atitude desonrosa e passaram a ter comportamentos respeitosos. Nesse sentido se revela a razão pela qual Pitágoras acreditava que ter a música um caráter civilizador, influenciando direta e profundamente os espíritos humanos, influência que se estendeu por toda a antiguidade grega.

### **3. As reflexões platônicas sobre a educação musical**

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



Platão foi um filósofo da era clássica da Grécia Antiga que em muitas de suas obras, como *República* (2006), *Fédon* (1987), *Leis* (1999), entre outras, dedicou parte de suas reflexões para compreender a importância da educação musical na formação do homem e da sociedade. Em suas reflexões, Platão tinha uma infundável preocupação em formar o cidadão ideal para a *pólis*. Para ele, esses cidadãos tinham que ser educados desde a infância para buscar a verdade, o inteligível, desenvolver o bem e apreciar a beleza.

Para esse pensador, uma das maneiras de buscar a verdade se dava por meio da arte. Entretanto, a arte só seria útil se a mesma se submetesse à Filosofia. A arte era considerada a *mímeses* da *mímeses* do Mundo das Ideias, ou seja, o que distancia o homem das verdades inteligíveis por representar o há de mais distante das verdades suprassensíveis. Então, para que a arte se tornasse uma maneira de sair da caverna, ela teria que se resignar à Filosofia, a única capaz de alcançar a verdade. O que Platão queria não era abolir a arte, mas sim utilizá-la como recurso para uma boa educação, como fica claro em sua crítica aos poetas, no interior da *pólis* ideal<sup>7</sup> (PLATÃO, 2006). Suas desconfianças com o modo que a arte influenciava o cidadão – já que a considerava como a *mímese* do mundo dos sentidos – não era aplicada à música. A música se aproxima da matemática porque leva a alma e a mente humana a ir ao encontro do inteligível, já que a própria música – com a matemática – não é do campo empírico, apesar de ser percebida pelo sensível. Num trecho de *Fedro* há uma narração interessante a esse respeito: nela, Sócrates (Cf. NUÑES, 2011, p. 246) faz alusão a um sonho que o leva a reflexão sobre se há música mais elevada que a Filosofia.

Platão ressaltava que a música se expressa com ritmo e harmonia, características indispensáveis que deve haver no caráter de um cidadão para ter uma vida completa. Obter a educação musical significava obter o ritmo e a harmonia e, portanto, poder captar aquilo que há de melhor em si mesmo, como a coragem, a honestidade e principalmente, a beleza da alma. Por meio dela que se chegava à virtude.

---

<sup>7</sup> Diferente do que se costuma dizer, Platão não expulsa os poetas de sua República ideal, apenas restringe suas práticas, como revela o trecho 377 c, do Livro II, em que é dito por Sócrates: “Portanto, seria preciso antes de tudo, parece, vigiar os fazedores de fábulas, escolher suas boas composições e rejeitar as más. Obrigamos, em seguida, as mães e as nutrizes a narrar às crianças aquelas que tivermos escolhido”. Isso assim se justifica com o exemplo de sua crítica ao poeta Simônides (nascido em Céos, em 577 a. C.). Esse poeta é tido como um dos precursores do pensamento sofístico. Para ele, “a palavra é uma imagem da realidade” (DETIENNE, 1988, p. 57). Essa ideia deve ter preocupado Platão, ao ponto de levá-lo a dedicar todo o Livro III e boa parte do II e do IV a uma crítica a cultura poética de seu tempo: a poesia não comprometia uma versão de verdade, mas apenas uma versão de quem detém a *tekhné* poética, artificializando a poesia como mero ofício, distanciando-se da tradição do poeta-inspirador. Esse é um dos motivos pelos quais Platão defende a “expulsão” *desse tipo* de poetas da cidade ideal, pois são mestres de ambiguidades.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

A função principal da música é pedagógica, já que ela é responsável pela formação ética e estética do homem. Platão debatia em suas obras, principalmente na *República*, que para se tornar um cidadão perfeito, o indivíduo deveria praticar a ginástica – para o corpo – e a educação musical – para alma. A educação da alma pela música contribuía em dois aspectos: o intelecto e o emocional. Sua influência no intelecto se baseia na leitura das formas e dos sons que há no mundo. O aspecto afetivo contribuía ao modo de ver a beleza das coisas no mundo. Separar o puro do impuro. O belo que há na arte e na natureza (Cf. TEIXEIRA, 1999, 130). Porém, nenhum desses aspectos deveria ser trabalhados separadamente, pois isso geraria um desequilíbrio na formação humana; quem se voltasse para uma formação dedicada estritamente à ginástica, se tornaria grosseiro; quem se voltasse somente para a música, se tornaria indolente (Cf. TEIXEIRA, 1999, p. 80). Um trecho de a *República* explica resumidamente o pensamento platônico sobre o assunto:

Ora, não é como dissemos, uma mistura de música e ginástica que harmonizará essas partes, uma, fortalecendo-a e alimentando-a com belos discursos e ciência, outra, abrandando-a com boas palavras, domesticando-a pela harmonia e o ritmo? (2006, 442a).

Considerando a estética musical, Platão defendeu a existência de dois tipos de música: a que se pode ouvir e a que não se pode ouvir. A inaudível entra em destaque na filosofia platônica, pois não há como compreendê-la se ela for somente relacionada ao mundo dos sentidos. A música inaudível tinha que ser assimilada além do perceptível, atingindo em sua plena magnitude ao ser diretamente relacionada à harmonia. Essa relação de destrincha em duas vertentes.

A primeira é que se a música, ao se relacionar com a harmonia – tornando-se assim, a harmonia da própria música – atinge seu significado maior como instrumento educativo, trazendo a harmonia para o corpo e alma, reequilibrando-o. A segunda vertente se aplica à música como conceito, como conhecimento; ao ser relacionada à harmonia, traz a mesma à essência do universo. Sendo assim, não é necessário praticá-la ou escutá-la, mas apenas deixá-la como conceito. Nesse aspecto, segundo Teixeira (Cf. 1999, p. 84), a educação musical possui dois objetivos fundamentais: infundir no educando um espírito de ordem e desenvolver o verdadeiro amor à beleza.

## CONCLUSÃO

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Com base nos três tópicos de nossa discussão, podemos compreender algo comum às referências literárias e filosóficas que escolhemos no que se refere à música: na Grécia Antiga, a música era uma arte de extrema importância para o homem e, conseqüentemente, para toda sociedade. A prática e os estudos a ela relacionados acrescentavam aos cidadãos gregos uma postura mais coerente em relação a sua *polis*, o que justifica a razão pela qual Platão a assumia como um dos fundamentos para a formação de um indivíduo perfeito para a construção de uma *polis* perfeita.

À guisa de conclusão, transpomos as reflexões dos autores gregos aqui trabalhados para a contemporaneidade: queremos pensar caminhos para iluminar alguns dos nossos pressupostos educativos atuais. À luz da cultura grega sobre a educação musical, podemos compreender que uma boa formação nesse sentido ajuda qualquer sujeito a lidar melhor com seu si mesmo. Esse é, aliás, um pressuposto caro à *paidéia* grega, já que se o sujeito não aprende a se relacionar consigo, não o conseguirá com o mundo ao seu redor. Ora, quando o cidadão se deixava influenciar pela educação musical, conseguia compreender de uma forma mais completa o que há ao seu redor e saberia agir de maneira mais correta e justa em sua *polis*, de acordo com os princípios que a educação musical poderia lhe elevar. Por isso a importância da música no equilíbrio/harmonia da alma/mente.

Aprender e administrar a música de forma coerente e entendê-la como uma filosofia de vida ajudava os gregos a se compreender melhor, mas também a se comportar melhor. Não por acaso, à sombra dos plátanos (grandes árvores sombrias típicas da Grécia) os mestres educavam as crianças começando dos cantos poéticos, para que eles não só trabalhassem a harmonia da alma e aprendessem o *ethos* (comportamento/costume) mítico, mas também para que gastassem as energias e ficassem mais aptos a palestras posteriores do mestre. Não seria essa uma contribuição interessante da música na escola, para os nossos dias, a saber, instigar a criatividade infantil ao mesmo tempo que lhe dá o ânimo do espírito/mente e o cansaço mínimo do corpo, tão necessários para que uma criança escute atentamente um adulto, sem inquietações? Ainda no caminho dessas reflexões, destacamos também o fato da música suscitar a criatividade, por levar cada um a níveis abstratos que ajudam a refletir melhor o próprio mundo sensível. Nisso, vemos um lastro platônico interessante, mesmo que não vinculemos essa contribuição a um lastro de radicalização de sua metafísica.

Outro aspecto importante em nossas reflexões toca o fato de que a educação musical grega considerava essencial para a formação humana a compreensão de outras áreas do conhecimento – essenciais para a formação de um indivíduo – como a medicina, a matemática, a ginástica, a ética, a religião, a filosofia, a psicologia e a vida na sociedade.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Nesse sentido, a música tinha ligação direta com os outros ramos do saber e “dominá-los” significava expandir mais a possibilidade de uma formação humana vertida à plenitude do ser.

Por fim, concluímos ser possível aplicarmos vários desses pressupostos formativos da educação musical grega, senão para aprimorarmos nossas aprendizagens, mas ao menos para reformarmos nosso modo atual de pensar a educação, que muitas vezes desprivilegia a formação integral do humano e o cultivo de sua sensibilidade em favor de uma educação mercadológica e tecnicista que produz indivíduos mecânicos, limitados à lógicas profissionais, insensíveis ao trato das questões mais íntimas da existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKERT, Walter. **Antigos cultos de mistério**. São Paulo: Edusp, 1991.

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf Editores, 1981.

HOMERO. **Ilíada**. 4. ed. Vol. 1. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.

\_\_\_\_\_. **Odisséia**. Vol. 2. Trad. de Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM, 2007.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

MESTI, D. N. **O éthos da música e da sociedade grega**. UFOP, v. 12, 2012.

NUÑES, CARLINDA FRAGALE PATÊ. A Era das Musas: a música na poesia antiga. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 25, 2011, p. 233-257.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fédon**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. **Leis**. 1. ed. Trad. de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1999.

TEIXEIRA, EVILÁSIO F. BORGES. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 2006.

TOMÁS, LIA. **Música e filosofia**: estética musical. São Paulo: Irmão Vitale, 2005.

TORRANO, Jaa. Estudo introdutório à Teogonia. *In*: HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf Editores, 1981.